

**Doutor Rui de Figueiredo Marcos<sup>1</sup>**

SENHOR REITOR

SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL DA UNIVERSIDADE

SENHOR DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO

SENHOR PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

SENHOR PRESIDENTE DO TRIBUNAL CONSTITUCIONAL

SENHOR MINISTRO DA JUSTIÇA

SENHOR VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

SENHOR PROCURADOR GERAL DA REPÚBLICA

SENHORES EMBAIXADORES

SENHORES REITORES

SENHORES DOUTORES

SENHORES PRESIDENTES DAS CÂMARAS MUNICIPAIS DE COIMBRA,

DA FIGUEIRA DA FOZ, DA GUARDA E DE GUIMARÃES

SENHORES GOVERNADORES CIVIS

SENHOR CAPELÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SENHOR PRESIDENTE DA DIRECÇÃO GERAL DA AAC

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES CIVIS, MILITARES E ECLESIASTICAS

SENHORES ESTUDANTES

SENHORES FUNCIONÁRIOS

SENHORAS E SENHORES

*Semel dictum, semper dictum.* As cerimónias nas velhas Universidades são como vitrais pintados. Se olharmos da praça para a Igreja, tudo é escuro e sombrio. Mas, se nos consentirem a entrada, tudo é claro e colorido. De súbito, brilham histórias e ornatos. Sente-se a graça do instante. Erguem-se presságios benévolos num enorme clamor de nobreza. Edificai-vos, regalai os olhos, parece dizer a velha Universidade, como se fosse uma flor animada. E, no mais duro peito, uma ânsia se agita.

A hora do sublime não soa nos pequenos relógios deste mundo. O tempo está condenado a pedir de empréstimo a cor, o perfume e a forma do instrumento que o determina. É assim que o vulgar minuto, marcado nos pequenos relógios, não exhibe o

---

<sup>1</sup> Oração de elogio académico do Doutor António Avelãs Nunes, padrinho de Jorge Sampaio na cerimónia do seu Doutoramento *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra (24 de janeiro de 2010).

mesmo esplendor do minuto solene, preguiçosamente distendido pelo grande ponteiro do relógio da Torre da Universidade de Coimbra. Não se devia consentir que a medida das horas sombrias fosse a mesma das horas sublimes.

Compreende-se, e de que maneira a compreendemos, uma antiga inscrição descoberta nos arredores de Veneza que proclamava: “eu só conto as horas serenas”. Uma existência que prometia compor-se apenas de recortes amáveis e amenos, assinalados pelo senhorio absoluto de um relógio íntimo.

As instituições guardam também os seus relógios preciosos que não marcam as horas indiferentes e as horas mortas. No fundo, aquelas que nunca passarão duas vezes diante dos nossos olhos fechados e que a história não inscreverá nos seus rútilos registos.

Há horas com berço. A que passa é seguramente uma dessas privilegiadas. Tomados de irreprimível generosidade, os que, de perto ou de longe, acudiram a este Acto, distinguindo Apresentado e Apresentante com a sua presença, não deixarão de recolher a hora tão serena quanto sublime num cofre transparente feito da própria luz infrene que a doce cerimónia de hoje irradia.

#### SENHORAS E SENHORES

A minha querida Faculdade colocou-me em palco na circunstância festiva de teor honorífico que consagra o Dr. Jorge Sampaio. É de preceito entretecer uma oração breve e proferi-la *elegantemente*. Não sucumbirei à tentação de enfastiar a paciência de Vossas Excelências, derramando palavras destinadas à clássica *captatio benevolentiae*. Ainda que a pressentisse no seio do distinto Auditório perante o qual me encontro, as paredes desta Sala fariam sempre escorrer sobre mim a sua implacável majestade crítica.

Reclamariam a sorte que Cícero desejava a um orador: que, ao saber-se que vai falar, os assentos sejam ocupados com antecedência, a sala se encha, a multidão estreitamente comprimida e o presidente vivam momentos de ansiosa expectativa. Que, na altura do orador se erguer para falar, parta da própria multidão o sinal de silêncio. Era esta uma vistosa vaidade de Cícero que Petrarca justamente lhe assinalou.

Que bom seria, para a cadência melódica da minha pobre arenga, se pudesse socorrer-me agora do expediente do celebrado orador romano Graco, que costumava trazer consigo um homem hábil com uma flauta de marfim. Este recebera a missão de, quando Graco falava, permanecer oculto atrás dele e tocar a flauta, por cujo som o orador regulava o da sua voz, elevando-a se começava a estar debilitada e baixando-a se atingira uma excessiva tensão.

Não oculto que, ao menos, pretendo esconjurar a figura daquele cavaleiro retratado numa novela de Boccaccio, que, ao convidar uma dama para um passeio a cavalo, prometeu levá-la numa das mais belas histórias do mundo. Só que a narrativa, de si cativante, ficou irremediavelmente estragada pelas falências rítmicas, pelos sucessivos enganos e pelo entorpecimento das palavras. À Senhora, ouvindo, vinham, com frequência, suores frios e um propício desfalecimento do coração permitiu-lhe dizer: “Senhor, este cavalo tem assaz mau trote, pelo que vos peço que vos praza deixar-me ir a pé”. Com ou sem oscilações harmoniosas, intentarei, à imagem do sábio alvitre de D. Duarte, manter em razoado tempo bem disposto quem me ouve.

#### SENHORAS E SENHORES

Cabe, fora de dúvida, na categoria dos genuínos universitários, o ilustre Mestre da Faculdade de Direito de Coimbra, Doutor António José Avelãs Nunes, que tenho o *beneficium* de louvar. Avelãs Nunes enverga a veste ímpar de Apresentante do Senhor Dr. Jorge Sampaio. Ambos, Apresentante e Apresentado, concitaram respeito e admiração, entrelaçando as palmas de Minerva com os louros de Marte. Primaram nas Letras e combateram por Causas. Essencialmente, as da liberdade e da democracia.

Da exuberância dos méritos que confluem na personalidade do Dr. Jorge Sampaio falou, com invulgar brilho, ou não fosse ele um dos grandes oradores da Universidade de Coimbra, o meu Colega e Amigo, Doutor Manuel da Costa Andrade. Já o meu olhar está destinado a pousar na figura multifacetada do Doutor António José Avelãs Nunes.

Quem se vê na condição de elogiado encontra-se à mercê de todos os embaraços. Avelãs Nunes bem o sabe. Mas eu bem sei também que os encómios não perturbam a sua paz íntima, porque nunca o comoveram. Muito menos o influenciaram.

Ajuizar de um homem implica seguir-lhe o rasto, longa e cuidadosamente. Porventura até às suas últimas raízes. Ora, Avelãs Nunes estima as suas raízes. Mostra-se deveras tocante o jeito carinhoso como subtilmente colocou sob a benção da Senhora sua Mãe a publicação do recente livro *Uma Volta ao Mundo das Ideias Económicas*. Homenagem que simboliza uma admirável *devotio* àqueles que, acompanhando-o na travessia da vida, estão impressos na sua lembrança e guardados no seu coração. No fundo, *ces gens qui comptent pour nous et pour qui nous comptons*, nas palavras tão pensadas e tão certas de Paul Ricoeur.

Avelãs Nunes respirou e absorveu a atmosfera cultural da efervescente e vibrante Coimbra dos anos sessenta do século XX. Enquanto estudante, exerceu, inclusive, o cargo

de Director da *Via Latina*. Corria então o ano académico de 1961-1962. É no período irrequieto da juventude que naturalmente se entretetece uma certa *forma mentis*. Não raro, marca de tal modo o espírito humano que mais parece uma tintura viva que não sai sem levar consigo o todo.

#### SENHORAS E SENHORES

Ao longo de meio século, Avelãs Nunes privou com algumas das gerações de Mestres que inscreveram os seus nomes nos registos imperecíveis da história da Faculdade de Direito de Coimbra. Representaria um deslocado cometimento celebrá-los agora. Aliás, a sua *perpetuatio memoriae* não sofrerá o mínimo abalo. Uma das vantagens inigualáveis da imortalidade é precisamente a de poder esperar.

Um desses Mestres, porém, espreita esta cerimónia. Um homem que decidiu não viver, mas saber. Refiro-me ao Doutor Teixeira Ribeiro, figura respeitada nas suas diversas encarnações de Professor insigne, de Membro da Academia das Ciências de Lisboa, de arquitecto de uma marcante Reforma Fiscal do século XX, de Reitor da Universidade de Coimbra e de Vice-Primeiro Ministro.

Aquele de quem Avelãs Nunes se tornou discípulo. Aquele que nunca lhe faltou com apoio e sempre lhe reconheceu independência e frontalidade. De feição que, sem renegar heranças, mas sem obscurecer divergências, Avelãs Nunes construiu o seu prestígio científico e cultural, a autonomia do seu pensamento, pela investigação e reflexão próprias. Da simples contemplação de Teixeira Ribeiro colheu Avelãs Nunes o inestimável benefício do exemplo. E, como lucidamente sentenciou Carlyle, *great men are a profitable company*.

Ao contrário do que apregoam algumas sereias da novidade, a carreira académica nunca corresponderá a um riscar meteórico. A meu juízo, um professor nasce muito e faz-se muito. O homem de ciência verga-se ao peso da tremenda certeza de que o seu estudo honesto apenas servirá para lhe tornar mais distantes os homens, os céus e as estrelas. Quantas e quantas vezes, as tormentas da imaginação tocadas pelos ventos das solicitações fáceis o não fazem estremecer e vacilar. Quantas e quantas vezes, se sente, no meio das suas investigações, como a formiga de Maurício Maeterlinck que, “conhecendo apenas os atalhos estreitos, os buracos mínimos, as vizinhanças e os horizontes do seu formigueiro, se encontra de súbito sobre um bocadinho de palha no meio do Atlântico”.

De modo convicto, tomou sobre si Avelãs Nunes a divisa clássica, tão do agrado de Erasmo de Roterdão, *Festina lente*, apressa-te lentamente, que aparece retratada em frontispícios de livros pertencentes ao humanismo italiano. Avelãs Nunes aprendeu a esquecer-se, ao longo de anos, que, em Coimbra, Agosto é ainda Agosto. Lia sem fim, perdido de si próprio e dos seus. Atingiu o cume da colina académica em 1995, depois de ter vencido os sucessivos degraus da árdua carreira universitária. Uma das mais avaliadas que existem no firmamento profissional português. O magistério exemplar e proficiente de Avelãs Nunes elegeu como alvo natural o espectro das cadeiras de Ciências Económicas da Faculdade de Direito de Coimbra.

#### SENHORAS E SENHORES

*O Direito de Exclusão de Sócios nas Sociedades Comerciais* constituiu o trabalho, aliás premiado, que lançou e acreditou Avelãs Nunes como um investigador seguro no domínio jurídico. Todavia, o jovem autor deu um pontapé num saco recheado de moedas quando abandonou os estudos de Direito das Sociedades. Avelãs Nunes é mesmo assim. Não se deixa entusiasmar pelos regalos da vida. Nem castelo, nem carruagem, nem comenda o deslumbram. As frivolidades de salão e os adornos da ignorância aborrecem-no. Nele não fermenta a tímida vaidade.

Com inquebrantável empenho, deslocou-se para a Economia Política, cujo mármore frio poliu e cinzelou, Primavera atrás de Primavera. Não é uma disciplina poética que aqueça corações. Mas encerra o dom precioso, como sublinhou Teixeira Ribeiro, de versar “as escolhas que se traduzem em troca de bens ou as afectam”. E, sem bens disponíveis para satisfazer as nossas necessidades, não vivemos.

Logo que aborda a noção e o objecto da economia política, Avelãs Nunes faz estalar o confronto entre duas perspectivas metodológicas bem nítidas: a clássica-marxista e a subjectivista-marginalista. Direi, chamando em meu socorro as palavras de Teixeira Ribeiro, que “o essencial do pensamento de Avelãs Nunes consiste, pois, no seguinte: a ciência económica é uma ciência normativa, mas isso não obsta a que a economia obedeça, como deve, à disciplina científica”.

Só que Avelãs Nunes recusa a tentação cientista e o fascínio irreticente pelos modelos matemáticos sufocadores da realidade. Não consente a assepsia da ciência económica e menos tolera o império de uma absoluta *Wertfreiheit*. Até a neutralidade respira ideologia. De uma coerência tão irrefragável quanto inabalável, o Doutor Avelãs

Nunes nunca se cansou de afirmar que a ciência económica é uma ciência política. E comprometida com valores. Um bastião inegociável do seu pensamento.

As concepções de Avelãs Nunes pedem um certo modelo de economista. Um autêntico *iudex perfectus* da economia. Sintetizá-lo-ia na velha máxima de Terêncio: “nada do que é humano me é alheio”.

*A rare combination of gifts* é o que também deve possuir o *master-economist* segundo Keynes. Ele tem de envergar, de algum modo, as vestes de matemático, historiador, homem de Estado e filósofo. No fundo, de acordo com os exigentes parâmetros Keynesianos, *no part of man's nature or his institutions must lie entirely outside his regard*.

O Mestre de Coimbra subscreve tal paradigma. Com efeito, só ele permitirá perceber uma economia política que coloca no seu centro não o *homo oeconomicus* em versão simplificada, mas o homem verdadeiro. Tantas vezes, o homem de sorriso magoado, saído do verso de Os *Simples* de Guerra Junqueiro, em que o pobre, cheio de pranto e de meiga indignação, desabafa:

“Só tu, estrela, me conheces,  
Em minha dor, minha aflição!  
Só tu não dormes, não esqueces...  
Só tu ouviste as minhas preces...  
Bendita, estrela, o teu clarão!”

Muito novo, envolveu-se, sem temores, num debate com o então Prémio Nobel da Economia, o prestigiado Professor Jan Tinbergen. A divergência matricial assentava na recusa de Avelãs Nunes em aceitar a teoria da convergência dos sistemas. Aproximações recíprocas entre o capitalismo e o socialismo implicavam morigerar a alternativa socialista ao capitalismo. Daí que Avelãs Nunes tenha conduzido uma operação de resgate, assumindo a prova de limpeza de sangue do socialismo.

#### SENHORAS E SENHORES

Cada professor transmite algo de si próprio à obra que constrói. E Avelãs Nunes transmitiu muito. Do mesmo modo que no autor radica a origem do livro, também o livro dá origem ao autor. Nenhum é sem o outro.

Em estudos de grande sensibilidade social e de enorme relevância político-jurídica, o agudo escalpelo de Avelãs Nunes fez-se sentir. A rematar uma conferência que

proferiu sobre *A Garantia das Nacionalizações e a Delimitação dos Sectores Público e Privado no Contexto da Constituição Económica Portuguesa*, disse num assomo de frontalidade: “ela é a minha perspectiva. Não podia trazer-vos outra”. Pois não, porque simplesmente Avelãs Nunes não gosta de serpentear por entre teses dúbias envoltas numa densa neblina.

Abordou, em idêntica linha de meridiana clareza, temas como o capitalismo português, a reforma agrária, o *apartheid*, o crescimento económico e a distribuição do rendimento, a independência dos bancos centrais, a globalização neoliberal, o mercado de valores mobiliários e a institucionalização da União Económica e Monetária.

No terreno da teoria económica, Avelãs Nunes enfrentou questões fulcrais. Atravessaram as monografias de fôlego que compôs, em larga medida, nas décadas de oitenta e de noventa do século XX. Reclamam subidas menções *Industrialização e Desenvolvimento. A Economia Política do Modelo Brasileiro de Desenvolvimento, Teoria Económica e Desenvolvimento Económico e O Keynesianismo e a Contra-revolução Monetarista*.

À furiosa controvérsia entre Keynesianos e monetaristas tem regressado Avelãs Nunes diversas vezes. E regressaria outras tantas. Os contornos do debate transportam-nos, sem querer, ao complexo enredo das justas medievais, com os seus cortejos de mantenedores e de aventureiros, a que aludiu o primoroso cronista Garcia de Resende. O comovido enlevo das damas seria substituído pelo doce entusiasmo dos sequazes de cada uma das correntes de justadores da ciência económica.

Pressente-se um esplêndido drama nos justadores da ciência económica de todos os quadrantes. Tendem a abraçar uma árula votiva que os auxilie nas suas predições. Quando o economista, convencido do alcance das suas ideias, se volta para fora, com a pretensão de que o mundo não apenas se deve pôr de acordo com as suas representações, mas também lhes deve obedecer sem rebeldias e realizá-las, então produz-se no pensador a experiência decisiva pela qual averigua se ajustou o seu empreendimento teórico ou se a sua época é incapaz de o reconhecer.

Benditos e malditos factos. Se começam a correr de feição para o edifício que se ergueu, um facto é já uma teoria, como afirmava Goethe. Se os factos surgem desconcertantes e ingratos, tanto pior para eles. Míseros órfãos irreverentes. Encontrem agora quem os acolha por obra de misericórdia doutrinal.

Nunca se viaja tanto como quando se pensa muito. Um pouco à maneira do frade de Unamuno que percorria quilómetros, dando voltas ao pequeno jardim da sua residência. Torrencial como um caudal Horaciano de água pura no rio revoltado da história económica que, invariavelmente, se deixa tocar pelos sedimentos das margens que a bordejam, Avelãs Nunes viajou, sem custo, às regiões incógnitas da ideia.

Deu, o título pertence-lhe, uma *Volta ao Mundo das Ideias Económicas*. Fez detidas paragens, designadamente, nas controvérsias sobre o mercantilismo, no significado económico da Revolução Francesa, nos fisiocratas e o *Tableau Économique*, na filosofia social de Adam Smith, nas continuidades e descontinuidades entre Ricardo e Marx. Ajusto título, Avelãs Nunes guindou-se a notável luzeiro da história económica.

Em dias próximos de nós, Avelãs Nunes aventurou-se a pintar o retrato das *Aventuras e Desventuras do Estado Social*. Desde o Estado Bismarckiano do século XIX até ao actual Estado regulador, erigido, no nosso país, a partir da década de oitenta do século XX. A falta de legitimidade do poder tecnocrático e a vacilante independência das entidades reguladoras impressionaram vivamente Avelãs Nunes. Dir-se-ia que adivinhava o cenário borrascoso de uma desregulada regulação.

A golpes de inconformismo, estrondeou a sua voz crítica sobre poderosos inimigos do Estado Social: o credo monetarista e o receituário neoliberal. O Mestre rejeita o regresso da mão invisível e da velha lei de Say e repele a tese do desemprego voluntário, *voluntary searching for a better job*, e a teoria das expectativas racionais preconizada pelos monetaristas da segunda geração. A agonia do Estado Social magoa. Até onde caminhará, porém, o Estado pós-social? Não se vaticina um horizonte seguro e definitivo.

EM SUMA, SENHORES DOUTORES

EM SUMA, SENHORAS E SENHORES

Os verdadeiros Mestres, como Avelãs Nunes, escrevem livros para ensinar. Os que o não são escrevem livros para mostrar que aprenderam. Os que o tencionam vir a ser escreverão livros para cair nas boas graças da avaliação do desempenho.

SENHORAS E SENHORES

Esmaltou Avelãs Nunes as suas qualidades humanas e intelectuais com a virtude da cidadania. Foi membro de governos da República. Emprestou a parcela mais valiosa da sua existência à Escola que o viu nascer para os mundos do Direito e da Economia.

Com inextinguível zelo e acrisolada dedicação, serviu-a nos rostos institucionais de Presidente do Conselho Pedagógico e de Presidente do Conselho Directivo.

Fez da Universidade de Coimbra uma porção do seu próprio ser na condição de Vice-Reitor, com preciosa gravidade senatorial. Um atributo tão proeminente quanto é certo que a pulverização de interesses antagónicos e de anseios desencontrados podem comparar-se aos grãos de poeira que, sem descanso, rodopiam num raio de sol, no meio de uma sala escura. Em diversas ocasiões, segundo soava, vingou o alvitre sabiamente conciliador do Mestre da Faculdade de Direito, à maneira do Istmo celebrado pelos poetas que a natureza intrometeu entre os mares Jónio e Egeu, de molde a evitar o confronto das ondas.

Contrasta, pois, Avelãs Nunes com um certo tipo de intelectual sempre cheio de si, mas sempre de coração arrefecido, indiferente e melancólico. A tradição não o comove e a esperança não o agita. Vê oscilar as instituições tão desprendida mente como se visse bulir as folhas das árvores. Pode assistir a tudo, mas não levantará a cabeça do seu pequeno trabalho para sequer suspirar. E quando um colega menor se abeira dele no esplendor imaginário do seu gabinete, é logo possuído por uma inquietação miudinha que o leva, ora a estremecer, ora a partir, através de um impulso repentino, rumo a um lugar especialmente importante.

Ao invés, Avelãs Nunes não abdicou de iniciativas que visassem engradecer a sua Universidade e a sua Faculdade de Direito. Uma Escola a cujos destinos presidiu, mostrando que dirigir não significa apenas medir e calcular. Menos será amortilhar os ânimos com regulamentos sufocadores de forte pendor burocrático.

Torna-se necessário ganhar tempo. Exactamente para o podermos perder em termos universitários fora do nosso pequeno canteiro. O ciclo de conferências, de largo espectro cultural, que Avelãs Nunes promoveu na Faculdade de Direito de Coimbra constituiu um estupendo exemplo disso mesmo.

Uma faceta radiosa da acção dirigente de Avelãs Nunes que não pode ser omitida decorre das responsabilidades cimeiras que lhe couberam na cooperação com os países de língua portuguesa. Assumiu-se como um arauto da lusofonia jurídica. Cultiva uma especial *devotio* pelo Brasil. Lera no céu Vitor Hugo que *un jour viendra ou l'on verra ces deux groupes immenses, les États-Unis d'Amerique, les États-Unis d'Europe, placés en face l'un de l'autre, se ten dant la main par dessus les mers*. Uma imagem que bem poderia emoldurar o quadro do relacionamento do Portugal Jurídico com o Brasil Jurídico. Ora, uma dessas longas mãos que fraternalmente se tem estendido por baixo do

Oceano pertence a Avelãs Nunes. Erguer, em Coimbra, um Instituto de Estudos Jurídicos Luso- Brasileiros constituiria um gesto deveras benfazejo.

Estudioso da economia brasileira, requestado orador no Brasil, membro de conselhos editoriais de revistas científicas de além-mar, participou, inclusive, em missões de interesse público ao serviço do Brasil. Não admira, pois, que tenha sido distinguido com Doutoramentos *Honoris Causa* por Universidades brasileiras e com a Ordem do Rio Branco por parte do Presidente da República Federativa do Brasil. Como português, Avelãs Nunes não podia ser mais brasileiro.

Sobejam os motivos que conduziram renomados intelectuais brasileiros a louvar o Mestre da Faculdade de Direito de Coimbra através de um concorrido *Liber Amicorum*. Nos meus ouvidos, volta a ressoar teimosamente o mesmo eco sentencioso. Como português, Avelãs Nunes não podia ser mais brasileiro.

#### SENHOR DOUTOR AVELÃS NUNES

Não há modo de dulcificar a vida de quem já viveu. Mas, se isso coubesse no possível, estou certo de que o Doutor Avelãs Nunes entregaria prontamente as suas merecidas glórias brasileiras ao Senhor seu Pai, estancieiro de amarguras nessas mesmas paragens. Mirífico vislumbre de uma luz alegre, ao longe. Cada vez mais rutilante e cada vez mais perto.

Ocupei um posto de observação privilegiado relativamente a Avelãs Nunes enquanto fui Vice-Presidente de um Conselho Directivo que o teve como timoneiro seguro e esclarecido. Mostrava-se, amiúde, arrebatado pelo método e pela organização. Admiramos nos outros aquilo que não conseguimos fazer. Em reuniões a que assisti, Avelãs Nunes dispunha os seus papéis e os seus argumentos como um general em chefe alinhava os seus exércitos e fundibulários.

Precavido, conservava-se atento à última minúcia dos problemas. Sob o império de uma grande opulência dialógica, não se furtava ao desgastante exercício da *ars respondendi et opponendi* com os seus interlocutores. As decisões brotavam de um convencimento esgrimido. Em momentos melindrosos, olhando para Avelãs Nunes, parecia-me que se encontrava ali Comte a rematar conclusivamente: “só tenho um direito. O de cumprir o meu dever”.

É, por conseguinte, Avelãs Nunes um homem afeito a incomodidades. Nunca se mostrou esquivo, de acordo com os ditames da sua consciência, a ser incómodo. Para si próprio e para os outros. Alturas houve em que terá naturalmente experimentado

desafeições e desprazeres. A indiferença não conhece princípios. Ou melhor, o seu princípio rector alimenta-se da ausência de todos eles.

Ter inimigos, segundo Séneca, é um género de desgraça. Não os ter é um indício certo de outra muito maior. O espírito desassombrado e a rectidão de carácter de Avelãs Nunes protegeram-no sempre do risco de semelhante desventura. Nem por um instante esperou dos grandes as suas boas graças, dos poderosos o seu favor e dos soberbos o seu afecto.

#### SENHORAS E SENHORES

Não raro, o homem pensa que é aquilo que sonhou ser. Fabula vã tão bem sonhada, na eloquente expressão de D. Francisco Manuel de Melo. Ou pior, sem disso se dar conta, desce por veredas escarpadas até cair no mais trágico e imenso dos precipícios: a saudade daquilo que não foi.

Enverga a condição oposta o homem inteiramente realizado. Avelãs Nunes conseguiu atingi-la de modo admirável. Vimos do futuro. Tal ocorre a quem, como Avelãs Nunes, logrou projectar ideias e aspirações forjadas dentro de si próprio na sua humana existência. Primeiro, imaginou-as, depois, alimentou-as, e, por fim, concretizou-as. Dispunha pois, do imponente senhorio da razão Max Scheler quando sentenciava que “todo o homem tem ante os seus olhos uma imagem do que deve ser; enquanto não o for, não está plenamente tranquilo”.

Com tanto futuro imerso no seu presente, o Doutor Avelãs Nunes já pode tomar chá com as suas lembranças, mas nunca se reformará de si próprio. Atingiu a idade jubilosa, mas nunca um vislumbre de inquietude pairou na sua fronte. A razão tremeluz de forma sorridente e bem a evidencia Avelãs Nunes. Os Mestres da Faculdade de Direito não envelhecem.

É que não é apenas transfigurando-nos que o tempo nos envelhece. É também, transformando impiedosamente aquilo que nos rodeia. A mais dolorosa impressão de velhice não provém da debilidade. Deriva do isolamento. Esboroa-se, à nossa volta, tudo quanto nos era familiar. Caem as afeições e crescem as estranhezas. Como nós desconhecemos tudo, tudo nos desconhece a nós. Uma visão inóspita a que escapam os Mestres de Direito de Coimbra, pela gratidão e pelo carinho que a nossa Escola constantemente lhes tributa. Há muito que os corredores e as gentes da Faculdade de Direito guardam, por Avelãs Nunes, admiração e carinho definitivos.

SENHOR DOUTOR AVELÃS NUNES

Tanta diferença há entre nós e nós mesmos como entre nós e outrem. Do cimo do seu pensamento vibrátil, asseverou-o Montaigne. Por isso, é um atributo raro ser toda a vida o mesmo homem. De Avelãs Nunes direi simplesmente o que ele disse de Jorge Sampaio: “pode sentir o conforto moral e intelectual de quem se manteve, pela vida fora, igual a si próprio”. Sempre.

SENHORAS E SENHORES

O lugar do homem no apreço dos outros, para utilizar uma expressão de Schopenhauer, foi o que trouxe o Senhor Dr. Jorge Sampaio aqui. Quem habitou, habita ou deseja habitar as cumeeiras do *cursus honorum* de um País, onde sopram aragens, ora docemente encantatórias, ora severamente cortantes, necessita do arrimo de uma formação sólida e irrepreensível. Exibiu-a o Senhor Dr. Jorge Sampaio. A seu modo e na sua circunstância, procurou, sem desfalecimentos, fazer-se partícipe dos três graus de *Perfecti* de Dante: *Perfecti* de inteligência, *Perfecti* da vontade e *Perfecti* da acção.

Do homem de inteligência luminosa, de vontade recta e de acção empenhada, que Jorge Sampaio sempre foi, saiu o político de imponente prestígio que Jorge Sampaio nunca deixou de ser. Audacioso na sua prudência e prudente na sua audácia. A isto acresce o esmero da educação que o dom da cortesia elevado à derradeira minúcia ainda mais sobrepuja. Educação e cortesia que lhe gentilizam o semblante e lhe enobrecem a atitude.

Impõe-se fechar a abóboda. Jorge Sampaio é um verdadeiro ornamento da vida política portuguesa, como diriam os antigos Mestres oitocentistas da Faculdade de Direito de Coimbra.

Maior Estadista, porque grande Homem. Maior Homem, porque grande Estadista.  
Eis o que a cerimónia a que assistimos nos contou.

SENHOR REITOR

SENHORAS E SENHORES

Na lição de Camões, “a virtude louvada vive e cresce / E o louvor altos casos persuade”.

Alevantados os méritos esplendentes do Senhor Dr. Jorge Sampaio, a Vossa Excelência, Senhor Reitor, não peço apenas pedindo que mande impor ao Senhor Dr. Jorge Sampaio as Insígnias Doutorais. Ao fazê-lo, estareis, isso sim, a obedecer aos mais cintilantes e puros ditames da Justiça.

Disse